

FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA mocidade á CAUSA DA PATRIA

Preços d'assignatura :

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias : — Por anno 1\$500 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs

2.º ANNO

PUBLICA-SE AS QUARTAS FEIRAS

NUMERO 655

BRAGA 11 DE JUNHO DE 1872

O Portugal d'agora em pelle e osso!

Não é a sciencia que falta aos homens da situação, ninguem ha que de boa fé lh'a conteste.

O que lhes falta para bem governarem, é primeiro que tudo serem humildes *coram Deo*.

Em segundo lugar amarem a patria que os viu nascer, e não se levarem do cosmopolitismo a que os impellem as seitas malditas.

Em terceiro lugar não pedirem tambem inspirações ao orgulho, filho nato de Satanaz.

Em quarto lugar lembrarem-se, que somos uma nação pequena em extensão, e enfraquecida pelas defeições d'alm-mar, e pelas dissensões internas.

Em quinto lugar reconhecerem que somos uma nação pobre, porque d'ha muito nos exploram.

Em sexto lugar, abandonarem a ideia anti-civilisadora de que, n'este pequeno torrão, deve continuar a haver vencedores e vencidos.

Em setimo lugar compenetrarem-se da ideia de que Portugal deve ser só e sempre dos Portuguezes e de ninguem mais.

Em oitavo lugar, estimarem os estrangeiros, mas não se lhes subordinarem.

Em nono lugar, economisarem em todos os serviços nacionaes, quer no pessoal, quer no material, começando *ab alto*, para exemplo.

Em decimo lugar proteger a agricultura, fomentando a industria, e abrindo novos mercados onde possa exercer-se a actividade do nosso commercio.

Sem que estes dez mandamentos se cumpram, continuaremos a girar no circulo vicioso que nos abriram os homens de 1834, que eram os homens de 1826, que haviam sido os homens de 1820; que fallaram em sua tentativa em 1817.

E' o orgulho que domina no liberalismo que o leva a fazer a desgraça das nações onde predomina.

Non servium é o mote de sua bandeira, por isso o syllabus os fulminou.

Amor da patria não o ha entre vós, não *Vereis amor da patria, não movido De premio vil, mas alto, e quasi eterno.*

E' o premio vil que tendes em vista exclusivamente, como temos visto e estamos vendo, sem que nos possaes mostrar o contrario.

Apontae um só; não diremos como Abraham ao Senhor, quando decidiu destruir Sodoma e Gomorra

Quid si inventi fuerint ibi decem?

Porque só appareceu um justo que foi Lot.

Aqui não temos um só desinteressado. E não serão orgulhosos os liberaes, e com muita especialidade os regeneradores, que passam carta d'inscienças a todos os que não commungam com elles, e ainda d'esses aos que não estam dentro do parlamento?

Bem claro o disse o ministro Ferrão, pouco antes dos jancinhos correrem com elle e com os seus sabichões.

E nada aprenderam ainda, porque no fim de quatro annos voltaram á carga.

Não fizeram caso das representações dos portuguezes — fizeram leis estupidas e cruéis — querem agora executal-as, e tremem diante do povo portuguez só ao aspecto do seu silencio sinistro.

Queriam enviar o chefe do estado ás provincias do norte — a que?

Só se fosse a servir-lhes de bode emissorio?

Bem conheceis o que valle a irritação dos que ham fome,

E demais os vossos *irmãos* tem-vos gelado o sangue nas veias com as informações que vos teem dado.

E o povo está socegado, triste sim, porém severo como a estatua do destino!

O povo já não tem fé nos caminhos de ferro do Minho e Doiro.

Eis aonde vos conduziu o orgulho.

O povo nem vos ama nem vos teme; porém não se move aos conselhos de falsos amigos, nem ás vossas provocações.

Espera, espera somente no futuro; porque Deus lhe dá o exemplo, como lh'o dá para tudo.

Patiens quia eternus.

Que Portugal é uma pequena nesga de terra basta olhar para essa orla ao longo do Atlantico, entre o Guadiana e o Minho; entre Caminha e Miranda!

Se se alargou até o leito da Aurora, o Senhor D. Pedro d'Alcantara antes de lhe dar o golpe de graça em 1834, cercou-lhe o Brazil, em 1822.

Quem gritou abaixo Portugal nas margens do Ypiranga, poderia antes que decorressem dois lustros gritar a pouca distancia do Ave, salve Portugal?

A longa costa africana oriental e occidental que nossos avós ganharam á custa de

seu sangue, vam-nol-a levando os francezes e inglezes, e até o Bonga.

Lá estam os Dembos no territorio de Angola a contas commosco, e sabe Deus onde chegaremos!

Não carecíamos de mais força para os dominarmos, que de duas duzias de frades velhos.

Santo breve da marca! Que fostes tu dizer, meu obscurantista do Futuro?

Não vês que o Sá da Bandeira range os dentes e te mostra um punho á cara, porque não tem outro?

Não vez que a falange dos sabios da civilização maçônica, entro-alvares sorrisos, te diz com voz cavernosa e estúpida:

«Nada de frades — antes perder tudo — até o nome de Portugal».

«Isso é lá para os francezes, inglezes, e norte-americanos, que não sam liberaes».

«Nós cá queremos-nos com o Bismark, que é o maior liberal da Europa, como acaba de o mostrar com a Dinamarca, Austria, e França — e até com o proprio parlamento prussiano».

«Não declarou guerra á Igreja Catholica na pessoa do seu Pontifice — na dos seus bispos e sacerdotes?»

«Não ameaça o se dispõe a acabar com os jesuitas, esses granadeiros do Pontificado, como lhe chamava um rei da Prussia, que tinha mais senso-commun do que aquelle que em pleno seculo XIX, a travez de torrentes de sangue, o das cidades incendiadas de França, se fez coroar imperador da Germania?»

Esse liberal que o é, como o foi tambem o marquez de Pombal, é que é o seu homem.

Por mais que digam nasceram para a canga, sam os mesmos por toda a parte.

Para se vingarem dos que não podem convencer, nem converter depois de 38 annos d'escóla liberal, sam como o cavallo da fabula que pediu ao homem que o montasse para o vingar, e que lhe acciteo o freio, para melhor conseguir o seu fim, sem que até hoje, como no futuro deixem de soffrer a *albarda dos veneraveis, dos irmãos terriveis, e dos espadões.*

E' a liberdade que temos tido -- que temos e gosamos -- é uma liberdade, que é sinonima de despotismo pois que

Mutato nomine de te fabula narratur.

Finalmente tivemos a revolta de Goa, em que se gastaram rios d'outro para ficar tudo peor do que estava, ameaçando-nos com a perda d'estes restos gloriosos, onde ainda repousa o corpo de S. Francisco Xa-

vier, um dos maiores frades que viu o mundo.

E ainda hoje gosa de tanto prestigio o seu nome no Oriente, que, quando os nossos liberaes querem dinheiro, expõem esta santa reliquia, sem lhes importar que seja d'um frade, que elles proscreeveram com o seu instituto.

Tal é a consequencia dos livres!

Se reconhecessemos que somos pobres não dariam tam grandes pitanças aos altos empregados, e aos desnecessarios, nem avolumariam tanto a lista civil, tornando mihi certo o adagio que

Do pão do compadre grande fatia ao afilhado.

Tem decorrido 38 annos, já entramos em 39 e ainda os vencedores (com boas bulas) tratam o povo portuguez como vencido, nem mais nem menos do que os turcos aos gregos.

Nem os liberaes podiam tomar por modelos outros, que não fossem os sectarios do Alcorão.

Se os liberaes devem a sua victoria aos estrangeiros porque não ham-de subordinar-se-lhes!

Bem sabem elles que o Senhor D. Miguel não iria morrer no exilio senão fossem certas amostras de nacionalidade como por exemplo:

Não querer recolher a Portugal n'uma nau ingleza, e sim na fragata Perola.

Queimar uma capa ingleza d' *Waterproof* em Salvaterra, regressando d'uma caçada.

Preferir os artistas nacionaes aos estrangeiros.

Usar de panno portuguez grosseiro, em vez de lustroso panno inglez; e de papel portuguez nas secretarias.

Montar potros de raça d'Alter, em vez de *horsas* inglezas.

Negar-se a renovar o tractado de Methuen, etc. etc.

E' por isso, que como corre o vento, ora sam d'Inglaterra, ora de França, ora d'Hispanha, ora d'Italia, ora da Prussia; e ora de...

Fazer economias em pessoas e ordenados. Cala-te bocca que tal dizes. Não sabes que se não pôde fallar em corda em casa d'enforcado?

Em vez d'economias, venham mais desperdícios.

Como havia de haver no paço d'aquelles opiparos e sumptuosos jantares, d'aquelles deslumbrantes saraus, d'aquellas folias legendarias de mil e uma noites; e que ainda hoje fazem agua na bocca áquelles *bons pez-frescos* de deputados, que lá foram ato-

lar o dente e tirar o ventre de miseria?

E' preciso augmentar a lista civil em vez de a diminuir, porque d'ahi resulta grande vantagem á patria dos Pedros e dos Luizes.

Senão digam-nos: não resultará a maior vantagem ao povo de pagar mais para augmento da lista civil?

Resulta, e vamos prova-lo.

A prova de que um povo gosa o maior bem-estar, e está rico, ou pelo menos remediado, consiste em estar contente e satisfeito.

E que o povo portuguez está contente e satisfeito, ninguem o pôde pôr em duvida; porque o povo portuguez, dizem, que elege os seus deputados ao parlamento, e que por isso sam seus *legitimos* representantes.

E estes estam contentes e satisfeitos, com especialidade, quando admittidos a pizarem aleitafas doiradas, e a *tusquinharem* *petiscos* lisongeiros, com que nunca sonharam na sua antiga parcimonia.

Logo os portuguezes, seus constituintes, estam contentes e satisfeitos.

D'aqui não ha fugir; e se p'cca o raciocinio será talvez na forma, porém nunca na materia.

Segundo a theoria ultra scientifica do sr. Fontes — a riqueza d'uma nação conhece-se pela maior carga d'impostos que sobre ella peçam.

E então n'esse sentido, ninguem é mais rica do que a nação portugueza. Não ha nação mais rica absolutamente fallando!

A agricultura é protegida com uma tal exaggeração no imposto, que como que já temos o socialismo a governar.

A industria, se assim continua, não tardará em parecer que a Internacional anda por casa dos ministros, como em França.

E o commercio, isto é, o estrangeiro, é tam protegido, que pelo caminho que leva, teremos todos de vestir e calçar á estrangeira, de comer e beber á estrangeira, e até de sentir á estrangeira, para sermos melhores portuguezes e mais amigos da nossa patria.

E como tudo deve mudar, por isso que o antigo é mau, péssimo, e até tem *bruta facie*; e como houve entre nós um ministro liberal que disse em pleno parlamento que

«Leis e mulheres as mais novas sam as melhores»

Porque motivo não havemos seguir á letra tam boa doutrina — e até mesmo a respeito da religião?

4. DESENGANOS DO

permitted opprimir a innocencia; porque a justiça é anterior a tudo; nunca pela salvação do povo poderá ser violada a propriedade d'um simples cidadão; porque nenhum cidadão quereria entrar em sociedade para perder o que era seu; mas sim para o conservar por sacrificios communs, e contribuições proporcionadas á sua fortuna: nunca pela salvação do povo se diga que toda a classe ou sociedade secundaria é nulla para o estado em seu principio; porque nenhum cidadão, unindo-se em sociedade geral, quereria sacrificar a sua independencia, os seus interesses e as suas inclinações, excepto aquellas que fossem verdadeiramente incompativeis com a sociedade geral; mas o interesse e inclinação dos diferentes individuos podem achar-se reunidos em as sociedades secundarias, sem prejudicar, mas antes favorecer o interesse geral, isto é, fazendo progredir o commercio, as sciencias, as artes e a religião: logo a sociedade geral não exclue por sua natureza as sociedades secundarias.

Ora, se ella por sua natureza as não exclue, tem todo o cidadão o direito e liberdade de se aggregar em sociedades secundarias, segundo suas inclinações, necessidades e interesses, com a condição, já digo, de não prejudicar a sociedade geral; a nação terá, então, para com estas sociedades, os mesmos deveres a preencher, que tem para com as outras familias ou individuos, isto é, respeitar e proteger a sua existencia, vida propriedades e tranquili-

LIBERALISMO 5

dade: logo a destruição ou supressão d'estas sociedades é um acto arbitrario, despotico e injusto. N'este caso estam as nossas sociedades religiosas: a nossa companhia dos vinhos do alto Douro, e algumas fabricas, que não só promoviam os seus interesses particulares, mas tambem os de toda a nação.

O povo já conhece que não pôde evitar a sua fatal ruina, senão recorrendo á legitimidade; porque assim como da falta d'esta lhe provieram as desgraças que soffre, assim tambem só d'aquella egide dos povos espera elle a salvação e prosperidade; elle acha-se enganado por seus falsos amigos, que, prometendo guial-o pelas vias do progresso, o metteram no caminho da perdição. A experiencia lhe tem mostrado, que, desde que faltou a legitimidade, não se tem observado outro progresso mais que o da miseria, da immoralidade, do latrocinio, do vandalismo destruidor; mas espera na Providencia, que velando sobre o reino d'Alfonso Henriques, hade pôr termo a grandes males.

Portugal já topou no ultimo degrau de abjecção; mais um passo, eil-o n'esse terrivel abysmo, onde as nações costumam dormir o seu somno eterno; aquelle somno que ainda hoje dorme Grecia e Roma, esse de que ainda não acordou Veneza; o somno que encadeia no sepulchro tantos povos gigantes.

Os mesmos liberaes o confessam, e os seus órgãos o publicam, pois disse a Re-

5

tence, deve suppôr-se que todas as suas leis são dirigidas a fazer a felicidade dos vassallos que governa; porque é absurdo pensar que aquelle cuja gloria, prosperidade e interesse nasce, prospera e cresce, como o interesse, prosperidade e gloria da nação a que preside, trabalhe por arruinar-se a si mesmo arruinando os interesses do povo de que é rei: pôde não acontecer a mesma coisa quando alguma outra autoridade sem ser a do soberano tem parte na formação das leis, porque em se tratando dos subditos, não são raros aquelles que procuram fazer fortuna á custa da nação, cujos interesses administram.

A ultima reflexão que farei, diz elle, sobre a natureza dos governos absolutos consiste na promptidão e facilidade que ha em todos elles a respeito da administração da justiça, e na pequenez dos tributos. Seja qualquer que for a causa d'este phenomeno, é certo que a grandeza dos tributos, é sempre tanto maior, quanto mais os governos se afastam do absolutismo. Eis aqui uma escóla das contribuições em diferentes estados da Europa, que serve para o provar:

Tributos que cada individuo paga

Inglaterra	Francos.. 75	Centesimos 30
França	» .. 33	» .. 30
Paizes Baixos	» .. 28	» .. 10
Prussia	» .. 10	» .. 15
Austria	» .. 8	» .. 25
Russia	» .. 5	» .. 50

DESENGANOS DO

6

6

DESENGANOS DO LIBERALISMO

POR

J. L. d'Arvalho e Silva.

I

O governo monarchico é o mais natural aos povos, e o que mais lhe convém para serem bem governados; porque assim como as familias nunca usaram d'outro, e é este o unico que as pôde fazer prosperar, assim tambem os reinos e os imperios, para progredirem, não podem deixar de usar d'elle.

Como os paes de familias tem obrigação de prescreverem aos filhos o que lhes é util, e os filhos, o dever de lhes obedecerem; assim tambem os monarchas tem obrigação de prescreverem a sociedade o que lhe é util, e a sociedade, o dever de lhe obedecer.

D'este modo fica o monarcha responsável pela vida, liberdade e propriedades de cada cidadão, e nem só pelo monarcha com toda a sua autoridade, nem só pelo povo podem ser mudadas as leis fundamentaes; porque pertencem ao pacto social, e é da natureza do contracto, o não ser desfeito senão pelo consentimento livre de todas as partes interessadas: mas se por vontade d'um e outro se mudarem no todo, ou na parte, aquelle que não consentir, não pôde ser obrigado; porque ellas por sua natu-

Nenhuma será melhor, para não termos as nossas paixões contrariadas; ou então voltemos ao paganismo com a sua Venus, ao seu alado Mercurio.

Basta de graça. Se Deus nos castiga, com o liberalismo, é porque se amerceou de nós, e está prestes a acabar o nosso castigo, e por isso Te Deum laudamus.

A mascara do crime.

A republica de Guatemala para obter a paz no seu territorio, acaba de expellir os padres da Companhia de Jesus. Mas foi o amor da paz verdadeira, que moveu a republica a tomar uma medida tão rigorosa, ou foi somente a mascara da paz, para encobrir a lealdade de um crime? Se os jesuitas de Guatemala eram perturbadores da ordem publica, porque não se lhes instaurou um processo, para convencer-os e condemnal-os? Nada d'isto se faz quando se trata de jesuitas; e por simples accusações e calumnias dos seus inimigos, reis, presidentes, governadores ou ministros improvisados, esquivam de proposito a ordem juridica, bem sabendo, que não achariam crimes para condemnar, e arbitrariamente decretam a expulsão dos accusados.

Em todo o tempo os máos fizeram guerra aos bons com a mascara da virtude. Assim, com o pretexto de publica necessidade se esbulham os pacificos possessores; com as apparencias de zelo se captiva a liberdade da Igreja; por amor do progresso se tira o ensino a quem pertenceria de direito; com o disfarce da caridade se nega aos pregadores da verdade, e aos seus escriptores a liberdade da palavra e da imprensa: com o titulo de publica segurança do Estado, se opprime o povo com os impostos e com os exercitos permanentes; emfim não ha crime, que não se escondadebaixo das apparencias de virtude, nem iniquidade, ou violencia, ou rapina, ou oppressão, ou tyrannia, que não appareçam justificadas com o titulo de justiça. Logo que homens impios chegam a apoderar-se do governo de um reino, ou estado, ou republica, é a lei do mais forte que elles tomam para sua norma debaixo do nome de justiça.

«Seja a nossa força a lei da justiça», assim o declarou o Espirito Santo (Sabed. II, 10). E eis que com o favor d'esta lei, elles opprimem os justos na sua pobreza, não poupam as viúvas, nem respeitam as cans dos velhos. — Fazem cabir os bons nos seus laços, por quanto são inúteis a elles e contraries ás suas obras, e porque não querem sentir-se lançar por elles em rosto as transgressões da lei de Deus, e que se publiquem contra a sua reputação as faltas do seu procedimento. Em uma palavra, os impios e malvados condemnam os bons porque lhes são contrarios a elles, porém isto não fazem senão com a mascara de justiça. Assim o rei Acab accusava ao propheta Elias de perturbar a Israel, porque mantinha o culto do verdadeiro Deus. Não era Elias, mas o rei Acab o perturbador de Israel, — «não sou eu, lhe respondeu o propheta, não sou eu quem perturba a Israel, mas és tu e a casa do teu pai, por terdes deixado os mandamentos do Senhor (3 Reg. XVIII, 17).

Na opinião dos Phariseus a vida e a pregação de Jesus Christo, compromettia a paz do Estado, e por isto pediram a Pilatos, e alcançaram d'este a condemnação do Jus-

to, accusando-o de com a sua doutrina sublevar o povo por toda a Judea (S. Lucas XXIII, 5). Com a mascara da conservação do Estado mostraram ao povo, que a morte de Jesus era necessaria, para não acabar de calir sob a escravidão dos Romanos, dizendo: — Se o deixarmos livre, virão os Romanos, e tirar-nos-hão o nosso lugar e a nossa gente (S. João XI, 48): mas por isto mesmo que o pretexto de salvar o povo era uma mascara do crime, não o salvaram, e poucos annos depois viram Jerusalem assolada e a nação escravizada. Com a mascara da paz e da tranquillidade do imperio, os imperadores gentios immolaram milhares de christãos; mas em lugar de obterem a paz e a tranquillidade, o imperio se foi dissolvendo com a invasão dos barbaros.

Ainda no seculo passado as potencias europeas, tomando a mascara da ordem publica e da paz, expulsaram dos seus Estados a Companhia de Jesus: porém que aconteceu? poucos annos depois a ordem publica, e a paz d'estes mesmos Estados, foi perturbada pelos revolucionarios francezes. e os soberanos foram expulsos. A Austria em nossos dias pertendeu, com a mascara da prosperidade do paiz, rasgar impuneamente a Concordata feita com a Santa Sé, mas Deus rasgou-lhe o imperio, tirando-lhe a Lombardia com a derrota de Solferino. e a Veneza com a carnificina de Sadow. Também Napoleão III com a mascara da necessidade de augmentar o exercito contra os prussianos retirou as tropas de Roma, desamparando o Papa, e expondo-o ao arbitrio dos seus inimigos: eis porém que Deus, desamparando as aguias napoleonicas, entrega o exercito francez ao furor dos seus inimigos, em cada combate, e tira a Napoleão o imperio e a coroa. Finalmente com a mascara da ordem moral e da unidade nacional, tentaram os piemontezes disfarçar a invasão sacrilega da cidade eterna, permitindo Deus isto para provação dos bons.

Mas poderão com esta mascara evitar os golpes da vingança divina? A desordem actual, a ruina das finanças, o desprezo da auctoridade, tudo faz prever, que o castigo não está longe.

Logo, também a republica de Guatemala, e qualquer Estado, que com a mascara da paz e da ordem publica, offender a justiça e a religião, nada pode esperar senão desgraças e ruinas.

Na verdade, que é a paz a que os perversos aspiram, senão a conciliação entre Deus e o Demonio. entre a verdade e o erro, entre a virtude e o vicio, entre a lei divina e o peccado, entre o bem e o mal? Ora Jesus Christo já fulminou no seu Evangelho esta falsa paz dos malvados, com que elles costumam disfarçar os seus crimes, e disse abertamente: — Não julgueis, que vim trazer paz á terra; não vim trazer a paz, senão espada (S. Math. X, 34). D'onde se vê por uma parte a ignorancia dos que pretendem achar conforme ao Evangelho a dita conciliação, e por outra quão justamente todos os bons a rejeitam, seguindo o exemplo do actual Summo Pontifice, que no seu Syllabo immortal condemnou a proposição seguinte (n. LXXX): — O Romano Pontifice pôde e deve reconciliar-se e concordar com o progresso, com o liberalismo e com a civilização moderna.

Catholico Brasileiro.

Carta do Bispo d'Orleans a Gambetta.

(Continuação)

Em verdade que é uma instrução verdadeiramente moderna, verdadeiramente democratica? Ha, porventura uma geometria moderna, uma grammatica democratica? Uma moral nova e uma geographia inédita? Todas estas grandes phrases são grandes nuvens oratorias vazias, escuras e sem nenhum sentido para o espirito quando se quer decompol-as.

Não obstante, depois de terdes arrempessado estas grandes phrases ao auditorio, pronunciaes as phrases de partido, as palavras de ordem, de momento. Não fallarão senão os dizimos e os serviços pessoais obrigatórios.

Dizeis que o ensino será gratuito. Isto significa 30 milhões mais no orçamento; mas que importa? Outros muitos se tem feito gastar. Os pobres pagarão pelos ricos; mas o povo imaginaria que não paga nada, e que deve ao senhor um beneficio. Obrigatoria, seja, se se pôde inventar uma sanção séria para a sua lei, uma garantia para a liberdade das familias, e especialmente dos mestres, de quem o senhor esteja tão seguro que possa, sob a mais abominavel das tyrannias, obrigar os pais a confir-lhes o que lhes é mais querido no mundo, seus filhos. Mas estes pequenos promenores não vos detem. Por ultimo, o ensino será secular; é esta a palavra de grande effeito.

É facil atacar, caluniar padres ausentes, religiosos que não se defendem. Isto não é a mui delicado, mas ha uma grossa popularidade a ganhar no vosso partido por este lado, e a aspereza para com a Igreja fará passar as doçuras para com os demais. Batamos pois com força aqui. Separar-se-ha de hoje em diante a Igreja do Estado. Isto não é bastante, separar-se-ha a Igreja da escola, e a escola de toda a religião?

Dissestes, senhor, que vossa republica seria liberal. Se começaes por excluir uma inteira cathogoria de cidadãos e de mulheres do direito commum de ensinar, uniteras, porque suas crenças religiosas não são as vossas, não vos digaes mais, eu vos peço, liberal, e não accuseis a Igreja de intolerante. Sede logico.

O Estado é o orçamento, é o nosso dinheiro para todos. Vós não podeis sem tyrannia forçar as familias a mandar seus filhos á escola do Estado. Usai de phrases sonoras, mas chamaes as cousas por seus nomes. A Igreja, somos nós. O Estado sois vós. Tirar o dinheiro a nós e a nossas doutrinas, tomar o dinheiro para vós e para as vossas doutrinas, é isto o que se chama separar a Igreja do Estado!

Mas eu me tranquilio alguma cousa sobre a escolha das familias, quando sei de vós qual será o programma d'este ensino.

Este programma, eis-o: «é um programma amplo e variado, de tal sorte, que em logar de uma sciencia truncada, dispensa-se ao homem toda a verdade, e nada do que pôde entrar no espirito humano lhe seja occulto.»

De omni re scibili! é admiravel. Vós tereis o poder aparentemente de crear espiritos capazes d'esta encyclopedia! Vós podeis tanto!

Assim, é o ensino gratuito, obrigatorio, leigo, e o mais completo para todos,

e completo até ao impossivel; mas então, é a formula do socialismo, e é também a formula do absurdo.

«Na escola, dizeis vós ainda, ensinar-se-ha aos meninos as verdades da sciencia em seu rigor e sua simplicidade magestosa; e assim, tereis preparado cidadãos cujos principios se firmam nas bases sobre que descansa toda a nossa sociedade.»

Que entendeis por estes palavrões? O que são estes principios? O que são estas bases? Quer estes principios se firmem n'estas bases, quer estas bases se firmem n'estes principios, o que ensinareis a meninos de sete a onze annos? Eu vos conjuro ainda que me deis claramente o texto do programma de sciencia que nossoos bravos professores d'aldeia, para inspirar a meninos de dez a onze annos o dever e o sacrificio, deverão fazer substituir aos dez mandamentos de Deus e ao santo sublime e popular Evangelho de Nosso Senhor Jesus Christo.

O que vos torna, Senhor, tão ingrato para com os eleitores de Paris, ou de Lyão, que foram quasi todos educados pelos irmãos? tão duro para com os padres, que talvez não tivessem sido tão inúteis á vossa primeira educação, e tão injusto para com a Igreja?

Meu dever é insistir n'este ponto e protestar contra as vossas calumnias.

Que! é depois que o clero de França se dedicou, como o fez, ao serviço de nossoos soldados, e de nossoos prisioneiros; é quatro mezes depois que nossoos capellães e nossoos irmãos das escolas christãos foram vistos e foram mortos nos campos de batalha; é depois que todas as nossoas religiosas se dedicaram a vossas ambulancias, que tendes o coração de dizer que nós não somos mais francezes! É é um dia depois da matança dos refens que retomaeis estas calumnias, que nos apresentaeis como constituindo para a sociedade moderna «o maior dos perigos.» — é vossa expressão, — denunciando-nos assim de novo aos furores cegos!

E não é somente a nós que vós caluniaeis, é ao Papa. Ah! convenio; os horrores, trações, os opprobrios e as mentiras, de que elle tem sido cercado ha vinte e cinco annos, não o tem de certo tornado mui sensível aos encantos desta pretendida liberdade que vós nos prometeis, além de que lhe é permitido não admirar esse Garibaldi a quem sacrificastes talvel o exercito de Leste. Mas, na encyclica que vossos ouvintes não leram, o Papa nunca condemnou as diversas formas de governo inscriptas nas leis dos diversos povos. Elle não condemnou senão as liberdades sem freio, os direitos sem deveres, e as sociedades sem Deus.

Quanto á familia e á propriedade, senhor, é licito a vossos amigos dizerem-se seus virtuosos defensores?

Mas o que ha de curioso n'esta mistura de idéas confusas e incoherentes, é o motivo pelo qual vós quereis prohibir aos padres francezes o direito commum a todos os francezes de ensinar: «Quando tiverdes appellido para a energia de homens educados por taes mestres, quando quizerdes excitar n'elles idéas de sacrificio, de dedicação e de patria, vos achareis em face de uma especie humana enfraquecida e debilitada.»

E a razão que dais a este enfraquecimento e a esta debilitação da especie humana, educada por nós, é ainda mais ex-

traordinaria: é que nós ensinamos a Providencia, e mestres que creem na Providencia não podem senão enfraquecer e debilitar a especie humana!

Aqui vós oppondes, senhor, «a doutrina que habitua o espirito á idéa de uma Providencia, á «revolução que ensina a auctoridade; é a responsabilidade das vontades humanas, a liberdade de acção». Mas não ha, senhor, incompatibilidade alguma entre estas cousas: a doutrina christã ensina ambas; e oppondo-as assim, seguramente não vós entendeis a vós mesmo, nem as cousas de que fallais.

Mas vós que não credes na Providencia, e não sois por conseguinte nem enfraquecido nem debilitado, conheceis uma outra crença que ensine melhor a suportar a vida e a affrontar a morte?

Ordenastes a muitos homens este anno que se precipitassem á morte; terieis ousado recomendar a nossoos soldados que se fossem fazer matar mofando de Deus, e achais que a fé na Providencia tenha enfraquecido as almas dos zuavos pontificios e dos franco-atiradores bretões?

Mas tomae sentido, e é preciso raciocinar bem, não são somente os padres que creem na Providencia, é qualquer que professa a lei christã; portanto se se deve expulsar os padres das escolas, porque insinam este dogma enfraquecedor, é preciso expellir também todos os christãos, e pelo menos será preciso que de hoje em diante ordeneis a todos os professores que não creiam mais na Providencia.

Confessai, senhor, que é raro misturar mais facilmente as calumnias e os absurdos.

(Continúa)

REVISTA ESTRANGEIRA

Louvado seja Deus, que S. Sanctidade o Pontifice Pio IX goza de perfeita saude!

Esta saudação que tão ardente são do coração dos catholicos, dignos d'este nome, é um punhal acerado que vara o coração dos filhos das seitas malditas, que o syllabus fulmina.

E não cessemos de dar graças a Deus e de lhe pedir pela saude e conservação do Vigario de Christo, que no *Univers*, de Paris de 4 de Junho corrente encontramos a seguinte profecia, que se lê em um livro: velho impresso em 1523, que foi achado em 1848 em Napoles.

«No fim do seculo XIX, haverá republicas na Suissa, na França, e na Italia; signaes em todo o universo; pestes, guerras, fomes; grandes cidades serão destruidas; reis, prelados, religiosos serão mortos. Vencedores na primeira luta, os inimigos de Deus, serão vencidos na segunda. A Igreja será despojada de seus bens temporaes; o Papa será conservado em captivo pelos seus; a sede de Pedro ficará vaga; não haverá Papa; porém o escolhido de Deus virá da parte do mar, e com elle a paz.»

Parte d'esta profecia como se vê tem-se cumprido já, e parte está por cumprir. Deus se amerceou de nós, e permita se retire aquelle calix d'amargura.

Não é debalde que Bismark inspirado dos espiritos infernaes, e com quanto seja

reza remontam á epoca em que cada individuo, ainda independente, podia accetear ou não; e por isso ellas não podem ser mudadas sem se restituir a cada individuo a sua primitiva independencia; logo se no primeiro caso não podia ser obrigado cada um individuo a entrar no pacto, também agora não, a entrar ou concordar no novo systema; porque está na sua primitiva liberdade e independencia.

Tambem é um dever de soberano, o não attender na escolha das auctoridades secundarias, nem ao favor, nem á predilecção, mas sim ás suas qualidades para que sejam uteis ao povo; porque a felicidade dos particulares depende do exercicio das ditas auctoridades, isto é, de seu uso ou abuso, o qual depende da sua boa ou má escolha, e de velar ou não por ellas; por isso o soberano deve exigir-lhes contas, punil-as severamente dos males que tiverem commettido, e manter, proteger e recompensar as que forem uteis á nação.

D'aqui vem que toda a contribuição publica superior ás necessidades absolutas do estado, toda a negligencia em o manejo dos dinheiros publicos, toda a applicação d'estes dinheiros, que não fór exigida pelo bem da nação, toda a liberalidade, pensão ou gratificação que não tiver por fundamento a felicidade do povo, ou serviços feitos, é um verdadeiro roubo da parte do soberano, assim como é roubar a liberdade dos povos, o estabelecer, sem razão, leis que os opprimam; porque os cidadãos

tá muito mais habilitado para fazer a felicidade do povo, do que aquelle que o não é. O soberano que é rei pela graça de Deus, como nunca pôde ter medo que lhe tirem a coroa, também nunca pôde ter motivo sufficiente para resistir aos impulsos benéficos do seu coração, ou para fazer-se surdo ao grito da consciencia. Certo na sua sorte futura, será naturalmente muito generoso e bemfazejo, porque nunca pôde ter medo de vir a cair em miseria; independente de favores alheios lará sempre justiça direita, porque nunca pôde ter precisão de comprar benevolencia d'outrem.»

«Não é assim o que é rei pela graça do povo. A incerteza da sorte que espera é a espada de Damocles, que lhe está sempre pendente sobre a cabeça. Quem sabe se o povo soberano retirará um dia ao seu real mandatario a commissão que primeiro lhe dá de governal-o? Em taes circumstancias é força que o principe aguarante, até se fazer miseravel, todas as suas despesas; que se faça mesquinho, e até mesmo avaro, que mande para fóra os capitães da nação, ao fim de segurar para si e para a sua familia um fundo de que em todo o caso possa dispor. Se se trata de fazer justiça, quantas vezes lhe não será preciso torcê-la para captar o favor d'algum personagem influente que pôde ser-lhe hostil, quer seja no parlamento, quer seja em assembleias populares!»

Como o soberano é o primeiro interessado na prosperidade do reino que lhe per-

volução de Setembro em 15 d'outubro de 1849:

«Que se pôde esperar d'este estado can-croso? Que hade ser da agricultura, da industria e do commercio? Confiamos na Providencia, e esperamos que se ham-de tirar resultados proveitosos d'estas lições da experiencia que os povos não devem esquecer. As bases da governação publica devem ser outras. As fontes naturaes do poder obstruem-se; é preciso ou procurar novos mananciaes, ou limpar os antigos». A planta pedis usque ad caput non est in eo sanilas.

Tambem é digno de attenção o que disse o *Defensor* no n.º 391:

«Era preciso não sentir bater dentro do peito um coração portuguez, era preciso ter enraizado na alma o mais brutal e criminoso egoismo, para ver sem allicção o sudario de miseria e de escarnado abatimento, que representa este nosso Portugal, martyrisado, torturado e enfraquecido pelos golpes das revoluções e reacções politicas, e pelos desatinos, ambições e atroz egoismo de tantos degenerados portuguezes, a quem não doe o mal da nação». Assim confessam a excellencia de nossoas crenças.

Diz um escriptor moderno:

«O rei monarchico é sempre independente como o Deus que representa, mas sempre como elle escravo de suas promessas; n'esta completa independencia de todas as auctoridades do mundo, consiste o motivo secreto, porque o rei absoluto es-

no seu pacto primordial não sujeitaram a sua vontade e fortuna á disposição do soberano, senão em razão dos sacrificios que exigisse o interesse geral: logo todo o prejuizo feito nas propriedades dos cidadãos por outro qualquer motivo que não seja este interesse, é um crime tam grande no soberano, como em qualquer particular.

Aonde a força se emprega sem lei, ahi ha tyrannia, ahi não ha liberdade, ainda que a proclamem em altas vozes, nas ruas e nas praças, em toda a parte e sempre; porque aonde a lei é um resultado da vontade humana, a obediencia é servidão; então as revoluções se succederão umas ás outras, e no meio d'ellas só ha tempo para destruir e não para edificar; assim em vez de progresso só teremos decadencia e ruina; é o que se observa em todo o paiz que despreza as prescripções do direito, e as noções do justo: estes tristes resultados só podem evitar-se voltando a sociedade ao ponto d'onde partiu, e firmando-se sobre a base do justo e do direito.

Desde o principio Deus traçou o caminho ao homem, este caminho é o da justiça, o da submissão á lei suprema, o da ordem em todas as coisas.

O interesse geral da patria, e a salvação de todos os cidadãos deve ser, em todo o governo, preferivel a todo outro qualquer interesse; porque o fim para que os homens se reúnem em sociedade, foi o salvarem-se pelo seu concurso.

Mas nunca pela salvação do povo será

protestante, que digo eu? peor do que isso.

Muito peor, que é pedreiro livre, excommungado ipso facto, e condemnado tambem á morte pelos pedreiros livres de Franca, quando a levava a ferro e fogo de Wissemburgo a Sedan, e de Sedan á Paris.

Não é de balde repetimos, que em seu cerebro repleto d'ambição infrene, para a idéa de coroar em Roma seu amo Guilherme imperador do Occidente, fazendo simples magnates seus, aquelles a quem como ao rei do Hanover não arrancar a corôa da cabeça.

Não contente de querer desvirtuar o grande Pio, gloria e honra do nosso seculo, quiz tambem fazer o mesmo ao Concilio Vaticano; afrontando com a infallibilidade que o mesmo decretara, se bem que existente desde os primordios da Igreja.

Arcou com o episcopado, com o clero e com os catholicos porque não quiseram vender-lhe a consciencia.

Persegue os Jesuitas porque não póde corrompê-los, como corrompe os Brutos e Catões da democracia germanica.

Agora elle protestante, com o seu rei, e imperador protestante, d'accordo com seu bom compadre Victor Emanuel, quer matar o Sancto Padre á força d'intrigas, invasões, usurpações, e pertencões tresloucadas; porém persistente.

Diz elle, que o imperador allemão, embora protestante, como continuação do imperio do Oriente e do Occidente, e do antigo imperio allemão, tem direito de intervir no conclave depois do fallecimento de Pio IX! (Talvez ainda quando fosse turco!)

Grande polemica se levantou logo de todos os lados, e o «Univers» como campeão invencivel da Igreja, levantou a luva corajosamente.

Se a Austria, Franca, e Hispanha, diz elle, e até Portugal antes da sua decadencia, tinham o direito d'exclusão, não lhe foi nunca reconhecido pela Igreja, e só sim o costume a estas nações, porisso que eram absolutamente catholicas.

Hoje que não ha nação alguma absolutamente catholica caducou semelhante uso ou abuso.

No entanto Bismark é cabeçudo, e como viu, que as nações que tinham vido tinham cardeaes «apud cardinales», durante o conclave, e seu amo, como bom protestante não podia ter, o que se chama carddeal protector, suscitou o carddeal embaixador, porém caiu ante o non possumus de Pio IX.

Já se falla em Igreja nacional e outras extravagancias proprias do maçonismo, que como não crê em Deus, entende que os homens tudo podem fazer.

Não acredita na tradição e na historia, porque o seu principio fundamental é o menti, menti, menti sempre de Voltaire.

A prophacia que deixamos transcripta, a da Palma d'Oria, que já publicamos, e outras, que andam na mão de todos, annunciam que breve teremos guerra, e guerra geral e civil, e parece-nos que a teremos religiosa, que é a peor das guerras como nos mostra a historia.

Não é só um grande rei do Norte, senão ainda o ré d'Italia, que tambem quer intervir no conclave, como successor da monarchia dos Ostrogodos reis d'Italia.

E parecem-nos os dois imperantes da nossa epoca os de que falla o Apocalypse: pois tambem não desejamos para nós e para os nossos amigos, o que está a vir-lhes pelo caminho.

Se por um lado tem de cumprir-se o oraculo divino:

Populi meditati sunt inania, principes convenerunt in unum adversus Dominum et adversus Christum ejus;

Tambem hade cumprir outro mais li-songeiro:

Qui habitat in calis irridebit eos.

Em Franca continua o atheismo do funcionalismo a guerriar a religião catholica, que é da maioria dos francezes, não dizemos bem, que é da quasi totalidade dos francezes.

A procissão de Corpus foi a ultima que soffreu a perseguição estúpida do fillososofismo.

No entanto honra seja feita ao general d'Espivent, commandante da divisão de Marsella, que apesar da opposição do administrador do Concelho d'aquella cidade, ordenou que se fizesse; e acompanhou-a com a força armada, o que a tornou mais brilhante.

Os catholicos, em vista de semelhante hostilidade, cada vez se ligam mais pelos vinculos da associação e da oração, e breve poderão dizer com ufania.

Si Deus pro nobis, quis contra nos?

Não nos occuparemos hoje d'outras nações, além da Hispanha, não só, porque não tem havido acontecimentos notaveis, senão ainda porque a Hispanha nos chama mais ainda a attenção.

Não ha coisa humana, por mais bem combinada que seja, que não soffra inconvenientes.

Não podia a causa carlista eximir-se a esta lei da humanidade; e mesmo esses inconvenientes, ou difficuldades tem servido para fazer mais notavel o seu desenvolvimento, e mais brilhante o seu triumpho.

Póde dizer-se com afouteza, que a Navarra e as Vascongadas se levantaram em massa pela causa da legitimidade e antiga liberdade d'Hispanha, symbolisada na pessoa de Carlos VII.

No entanto a sua bandeira continha tres idéas sacramentaes Deus, Patria, e Rei.

A catholica Hispanha, ha muito, que é trabalhada pela revolução, o que equivale a dizer que tem andado por ali, como por toda a Europa, o diabo ás soltas.

Tem por isso feito muitos proselitos, porque na sua bandeira está inscripto o lema, Mundo, Diabo e Carne.

A Hispanha vira, tocada de torpor incrível assassinar perto de 200 frades, em um dia, dentro de Madrid, reinando a innocente Izabel, e quasi debaixo do manto da regente Christina Munhoz, e ficara de braços cruzados.

Virá Sunber de Capdevilla, no meio do congresso proclamar «não ha Deus», e vomitar injurias sobre a Mediadora do genero humano, sobre a Mãe dos peccadores, e não fez saltar pela janella o blasfemo; nem o encerrou n'uma casa de doidos.

O amor da patria proverbial em Hispanha, já tinha soffrido a quebra d'ir buscar á Italia um rei—e que rei?

Um filho de Victor Emanuel, o carcereiro do Vaticano!

A idéa monarchica não era já a idéa de S. Fernando, Philippe II e Felipe V.

A Hispanha já tivera um rei chamado Carlos IV... todos sabem o que; outro chamado Fernando VII, cuja memoria é bem recente.

E da Franca napolianica tinha recebido José Buonaparte, o da Botella; e da Italia anti-papista tinha recebido D. Amadeu,— que lhes foram impostos pela revolução.

Além d'isso tinha pedido á Prussia um Hohensollern, á Coburguia um Cohary, á princeza de Carignan um criança que não promettia nada para o futuro, senão «um rei constitucional».

A revolução queria para seu rei todo e qualquer, menos Montpensier, que lhe fornecera dinheiro para derrubar Izabel II, irmã de sua mulher, prima e cunhada de Henrique de Bourbon a quem assassinou com um tiro de pistola.

Ingratidão ao famoso Caim II!

E não queria tambem Carlos VII; porque representava o principio tradicional legitimo, sua antiteze, e porisso logica no seu odio.

D'ahi veio um Judas — e com elle a batalha d'Oroquieta — e com ella o ferimento de Carlos VII.

Não morreu, porém a causa carlista, isto é, a legitimidade.

Apezar do desaparecimento momentaneo do Sr. D. Carlos de Bourbon, continuou a propagar-se ás outras provincias o movimento nacional.

A revolução como filha de Satanaz que é o pae da mentira, começou a mentir diabolicamente para enfraquecer os fortes e desalentar os tibios.

Matou D. Carlos; e seu irmão D. Alfonso.

Deu apresentada a força militar que o sustentava, nas provincias do norte, e entouo o hymno da victoria.

Como logo se desvaneceu a mentira, e triumphou a verdade, não se deram por batidos, evocaram a sombra de Maroto, e appareceu o convenio de Amorevieta.

Se a fraqueza, a descrença, a traição, e a cegueira achou alguns poucos proselitos, que adheriram ao convenio, os homens de coração e principios agruparam-se com mais força e energia em torno de sua bandeira.

A consequencia d'este facto que desagradou a todos, foi a ida de Serrano para Madrid tomar conta da presidencia do ministerio e da pasta da guerra, sendo substituido por Echague, e conservando-se o exercito para continuar a guerra civil.

E outra consequencia mais triste por um lado foi que os carlistas fuzilaram o general La Calle, e seu filho, que haviam adherido ao convenio, ameaçando fazer o mesmo a todos os traidores.

E por outro lado uns envergonhados, outros arrependidos, e outros acoitados pelas familias, regressaram todos os apresentados ás suas fileiras; e como chegou muito armamento, tem-se armado todos, os licenciados, e numerosos passados.

Cafu portanto a nova marotada, e nos dias 30 e 31 de Maio foram batidas as tropas do governo junto de Bilbao, pondo em debandada uma columna que d'ali saíra, e em Salinas e Virgola maior onde foram batidos os batalhões d'Habana e Filipinas.

Na Navarra, Carasa, Aguirre, e Senoain cada um com 3:000 homens bem armados andam por toda a parte, estendendo as suas operações até ás portas de Pamplona e margens do Ebro.

Moriones tem levado pelo menos seis vezes, e tem perdido mais de 600 homens apezar de sua proa.

Carasa traz consigo perto de cem cargas, que sam 92, d'espingardas, que vae distribuindo aos moços que se lhe reúnem por toda a parte.

Parece que tambem receberam dinheiro

com abundancia; porque pagam tudo á vista.

Está organisando-se o 10.º batalhão carlista de Navarra.

A Catalunha está coberta de batalhões carlistas. Já tem batido muitas columnas do governo, e se lhes tem reunido algumas companhias d'infanteria do regimento de Burgos, e um esquadrão de cavallaria de Bailen, e alguns outros d'estacamentos de Voluntarios, carabineiros e guardas civis.

Estam concentrando os batalhões, e n'essa concentração esmagaram completamente alguns do governo que encontraram.

Ao mesmo tempo vam limpando o solo de ladrões, a quem não deixam exercer o seu lucroso mister.

No Aragão e Mestrado pulam as partidas por toda a parte, e o mesmo em Valencia, Murcia e Orihuela, o que indica que o apparecimento publico de Cabrera não tardará a verificar-se, bem como o do Senhor D. Alfonso na Catalunha.

O do Senhor D. Carlos é promettido por todos os jornaes carlistas para breves dias, bem como a explicação do que tem succedido desde Oroquieta.

De Burgos passou uma brigada com o general Zariategui para as Vascongadas, sem que fizesse falta n'aquella provincia.

Em Lião e Asturias andam grossas partidas recrutando, desarmando os nacionaes e civis, batendo columnas (quando a «Gaceta» asderrota todos os dias), e arrecadando as contribuições da mão dos recebedores.

Em Guadalajara, Toledo, e Ciudad-Real e ultimamente em Astorga tem augmentado consideravelmente as forças carlistas. Em Toledo tem muita força de cavallaria, que terá de marchar em breve a unir-se com Cabrera para este poder operar com todas as armas.

Na Andaluzia já se espalha o movimento carlista pelas provincias de Granada, Cordova, Jaen, Jerez, e pela Serrania de Ronda.

Tambem tem apparecido por alli guerrilhas republicanas, e distinguem-se dos carlistas pelo seguinte modo:

Os carlistas pagam á vista tudo o que recebem de particulares, até mesmo os cavallos, e armas particulares.

Os republicanos apoderam-se do que lhe faz conta do governo e dos particulares, e não dizem agua vae.

A Galiza finalmente vae acordando, e como ali ha pouca tropa, é provavel que mi breve seja a provincia que dê maior contingente.

A ultima hora. Parece que acaba de ferir-se uma grave peleja na Navarra, entre a divisão Acosta, e as forças carlistas Navarras. De ambas as partes reclamam a victoria, e só os do governo se queixam de que lhes custou gravissimas perdas.

Será este o novo convenio de que falavam as folhas ministeriaes?

SECÇÃO LITTERARIA

EXCERPTOS

PARA A HISTORIA DE BRIGA Fundação do convento das Religiosas da Conceição

(Continuação)

IV

Concluido o almoço das religiosas, as mesmas beifeitoras que as serviram á mesa as levaram ao côro, aonde rezaram todas juntas o Officio Divino, e assistiram á missa da festa dos Santos Reis Magos.

Na tarde do mesmo dia foram ao côro, e depois ver todo o convento, que pasnavam de ver a grandeza e magnificencia d'elle, a extensão e largura dos seus dormitorios e sellas, os claustros e seus charfazes e abundancia de aguas, a sumptuosidade e magestade da Igreja e côros, a riqueza com que tudo estava ornado, a soberba de seus mirantes, e o aprazivel de sua vista, não ficando parte da cidade que se não descubra d'elles, a alegria e bom sitio em que está fundado.....

Quando sem tal se esperar lhes chega aviso do dr. Vigario Geral, que todas as religiosas e educandas da Conceição se preparassem, para na mesma tarde serem conduzidas para o seu convento.....

Seriam tres horas da tarde do dia segundo da entrada das hospedas, que eram seis de janeiro do dito anno, mandou Sua Alteza, o sr. Arcebispo, tres coches seus aparelhados, com seis urcos (grandes cavallos) e um com seis machos, e mais uma sege. Chegou o Vigario Geral á portaria e alguns ministros, e foi chamando as religiosas por um rol, e vinham sahindo as chamadas, e as hiam mettendo nos coches, e a diante d'elles dous ministros dentro da sege; e assim iam caminhando formados para o convento da Conceição, onde estavam outros ministros esperando-as, e as apeavam, e acompanhavam até entrarem para a portaria; viravam os coches e sege, e pela mesma ordem levavam outras, até que depois de cinco jornadas recolheram ao seu convento todas as freiras e educandas.....

Nunca se esqueceu a piedade de Sua

Alteza, o sr. Arcebispo, de acudir com todo o remedio necessario em tempo opportuno, ás afflictas religiosas; porque assim como no dia é meio, que as religiosas estiveram recolhidas no convento dos Remedios, lhes mandou no 1.º e 2.º dia vacca, galinhas e arroz, tudo crú; assim tambem mandou ás 10 religiosas, que ficaram na Conceição, o comer feito e pão, com muita abundancia; e da mesma sorte continuou a esmola a toda a comunidade, depois de juncta, por espaço de oito dias.....

D'esta Memoria, escripta tão pormenor, o que mais resalta ás nossas apreciações é o respeito e a consideração prestada pelas principais autoridades ás sr.ªs religiosas da Conceição; é a protecção e a caridade que lhes dispensaram.

Que contraste entre o passado e o presente! Aonde estás, ó Portugal de nossos paes? Auctoridades com as maiores honrarias acompanhadas as religiosas para o seu convento? auctoridades as aguardam ás portas d'elle e lhes offerecem respeitosa e o braço para as conduzirem á clausura. Hoje auctoridades lá nas cercanias da nossa Ulysséa intimam religiosas, que lhes escancarem as portas da clausura, por que vão tomar posse de tudo, e se se ponham fóra: Isto é nosso, diziam elles.

Carpe aqui uma d'estas religiosas, alli outra soluça. Ah! senhores! Esta propriedade é nossa e muito nossa; e quando a campa sepulchral eubrir a ultima de nós, reverterá este convento e seus bens para os herdeiros do fundador, segundo a clausula expressa da sua doação: deixai-nos aqui morrer! Nem pio! Ponham-se fóra, e vão procurar a sua vida aonde quizerem. Senhores, nós estamos ao abrigo das leis. Quaes leis nem meias leis, as leis fazemol-as nós.

Nem pio, rua,..... Que nome tem aquelle que se apossa do alheio? Vós o sabeis.—Não phantasiemos, o referido acaba de acontecer no convento das religiosas de Marvilla.

V

O serenissimo arcebispo, D. Gaspar, condoendo-se da consternação em que estavam as religiosas, e a grande falta que lhes estava fazendo as sellas do dormitorio devorado pelo pavoroso incendio, em uma comunidade de cêrea de oitenta freiras; e reconhecendo que não podia entrar em maiores despesas para a sua reedificação, pelas que tinham feito com o seu novo templo, mandou a expensas suas reedificar o dormitorio, fazendo-lhe sellas mais espaçosas, do que eram os cubiculos que originariamente tivera.

O supracitado arcebispo tinha em tanta consideração e apreço as sr.ªs religiosas da Conceição, que por vezes foi áquelle convento ás horas do côro, no qual tomava parte resando com as freiras da maneira a mais respeitosa, e ao mesmo tempo observava como aquella comunidade se havia n'este ponto dos seus deveres.

Serias contestações houve no anno de 1690, entre a comunidade e o cavalheiro Antonio Machado d'Almada, porque este, invocando os verdadeiros ou supostos direitos de padroeiro, exigia que como tal lhe fosse concedido o privilegio de ter uma cadeira na capella—mór, e lugar reservado na igreja para sua familia; bem como os dous lugares de religiosas para admitir suas parentas.

A nenhuma d'estas exigencias a abba-deça acquiesceu, tendo previamente ouvido a opinião da comunidade em capitulo pleno.

Expoz a abbadessa a Machado d'Almada os precedentes seguidos pela comunidade no attinente a este assumpto, sobre os quaes baseava a sua negativa. Este lhe não accieita as razões allegadas. Segue-se acalorada questão na portaria entre elle a abbadessa e as outras religiosas do governo.

No calor da discussão julgando offendidos seus direitos de padroeiro e a sua dignidade pessoal, soltou algumas phrases inconvenientes, e maximamente sendo dirigidas a senhoras, e tão respeitaveis pelo character de que estavam revestidas.

Pleitearam na tella judicial, a questão tomou um aspecto pessoal, partidos pró e contra as freiras se manifestavam; as cousas cada vez se tornavam mais azedas. Parte para a côrte Antonio de Almada Machado, a queixar-se da parcialidade das auctoridades de Braga; e el-rei D. Pedro II mandou o desembargador Lamprea, da Relação do Porto, conhecer d'estes factos. Da syndicancia nunca appareceu resultado algum, nem a causa chegou a ser julgada.

O manuscripto do cartorio do convento dos Remedios, d'onde extrahimos estes trechos, tem o seguinte titulo. — Memoria do incendio do Convento de N. Sr.ª da Conceição d'esta cidade, e sabida das Religiosas para o dos Remedios, e do recebimento e caridade com que as tractaram até se recolherem ao seu, e das grandes esmolas que lhes fez o serenissimo Sr. D. Gaspar, Arcebispo e Senhor de Braga.

Ainda no convento existe um monumento, que attesta este facto, uma rica cadeira, mandada fazer pela abbadessa, para o arcebispo se assentar quando fosse rezar com ellas no côro.

Decorridos não poucos annos, isto é, nos meados do seculo 18, reviven esta questão, querendo D. Thareza d'Almada Portocarrero, viuva de Vicente Huet, coronel governador da praça de Valença, que lhe fosse reservado um lugar na igreja, e para sua familia, nomeadamente nos dias festivos na mesma igreja, como representante do seu padroeiro. Litigaram, mas a causa nunca foi sentenciada, os ministros mostraram-se sempre parciaes a favor das freiras.

Sendo o convento da Conceição sempre muito considerado pelos srs. arcebispos, porque exemplarissimas eram as suas moradoras, d'elle sahiu no anno de 1716 para primeira abbadessa do recémfundado convento das capuchas da Conceição da villa de Chaves, a madre Suzana do Salvador, e sua companheira soror Garcia do Lado; e no anno de 1727 para confundadora e mestra das noviças do novo convento das capuchas da Conceição da Penha d'esta cidade, a madre soror Maria da Trindade, no seculo D. Maria Josefa de Jesus.

No convento da Conceição de Braga floreceram algumas religiosas que alliam á virtude a illustração; outras que falleceram com opinião de sanctas, e se promoveu o processo para a sua beatificação.

A chronica do convento da Conceição é devida á penna incansavel da erudita religiosa do mesmo convento, a madre soror Maria Benta do Ceo; tambem escreveu uma galleria biographica de muitas das religiosas mais virtuosas finadas no referido convento até o anno de 1761.

(Continúa) Senna Freitas.

SECÇÃO NOTICIOSA

Festividades.—Para o dia 14 do proximo julho foi transferida em Vianna do Castello a festa, que alguns devotos haviam projectado fazer ao Sagrado Coração de Jesus, e que se não celebrou já no dia designado pela commissão, porque o orador por elles escolhido, que é o dignissimo dr. Luiz Maria da Silva Ramos, não pôde n'aquelle dia ir a Vianna.

Na Igreja de N. S. de Monserrate é, que se ha-de effectuar a sobredita festividade, que muito honra os Viannenses, porque prova os seus sentimentos religiosos d'elles, e para o luzimento e brilhantismo da qual sabemos, que a commissão dos devotos trabalha diligentissima.

—Na mesma cidade tem de celebrar-se, segundo nos consta, outra festividade para commemorar a exaltação de S. Santidade Pio IX ao solio pontificio.

Trabalham n'este intento com zêllo digno dos maiores elogios todos aquelles, que vêem no Soberano Pontifice o representante de Jesus Christo na terra e consequentemente o guia infallivel dos homens e da sociedade.

Talvez este louvavel feito lhes atraia dos livres pensadores envolta com vis calumnies os epitetos de papistas, reacionarios, retrogrados e quejados.

Não s'importem porém com o ridiculo de taes sabios, que mal disfarça um dia violento e implacavel a quanto é justo, nobre e santo, porque a satisfação da pratica d'uma boa obra e o approvo dos bons, que felizmente ainda são muitos, lhes será provento e honra.

Falta de policia.—E' notavel a falta de policia que ha n'esta cidade. Informam-nos de que no campo da Vinha não é possível chegar-se qualquer pessoa á janella, isto logo ao anoitecer, que não tenha de presenciar as scenas mais repugnantes e attentatorias da moral publica; pois divagam por alli certos infelizes que se entregam a todo o genero de devassidão.

Pedimos a quem compete que ponha termo a este escandalo improprio d'esta cidade.

Fallecimento.—Em Lisboa falleceu na passada semana o sr. conde de Bobadella, um dos primeiros fidalgos da antiga aristocracia, e cujas virtudes, probidade e cavalheirismo muito realçava o nobre tronco, de que descendia.

Sentimos este fatal successo, porque roubou ao partido da ordem, da justiça e do direito um dos seus principaes defensores e partidarios.

A toda a sua exm.ª familia, que acompanhamos na sua dôr, damos os nossos sentidos pezames.

Bibliotheca recreativa.—Recebemos o quinto volume da Fada d'Autcuil

6 Sob o titulo de — Jardim do Ceo, plantado no convento de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Braga— se publicou o 1.º vol. das referidas chronicas, impresso em Lisboa na officina typographica de Manoel Coelho Amado, no anno de 1766: titulo aquelle, que fóra dado pela sua propria auctora.

O 2.º vol. in fol., como o 1.º, que versa sobre a biographia das religiosas illustres em santidade, se conserva inédito; e um e outro escriptos pela grada letra da propria religiosa ainda se acham cuidadosamente guardados no cartorio do sobredito convento; o 1.º tem as folhas numeradas até 146, o 2.º não as tem numeradas.

romance traduzido pelo sr. Pinheiro Chagas. Em vista de cujo nome, tão conhecido na republica litteraria, nos abstemos de ajuizar da traducção.

Agradecemos o volume que brindaram a redacção d'este semanario.

Zuma-zuma.—Corria hontem n'esta cidade com vizos de verdade a noticia de que os logistas e tendeiros de Villa Verde, descontentes com os novos impostos, se dirigiram ao sr. escrivão de fazenda dizendo-lhe terminantemente, que se não sujeitaram nem aos novos impostos nem ao varejo.

Eis a popularidade do governo, que com as suas iniquas e vexatorias leis tributarias pôde causar um conflicto de seriosas consequências para o paiz.

Sentimos isto, que alguns *espertalhões* attribuem a manejos do partido legitimista, que manso e quieto não mette preço nem estôpa n'este negocio.

Adiamento.—Enterrompemos a publicação do Folhetim intitulado—Memorias das viagens do Conde de Chambord,— porque quizemos, como era dever nosso, acceder ao pedido do auctor do folhetim, que hoje inserimos nas columnas d'este semanario. Logo porem que cesse esta causa d'interrupção continuaremos a publicar aquelle com toda a regularidade, que ser possa.

Notem bem.—Do nosso illustrado collega a «Nação» transcrevemos o seguinte:

Excerptos curiosos e insuspeitos do n.º 123 do «Democrata», jornal que se publicava em Lisboa no anno de 1840, para servir de commentario ao que n'esta folha temos publicado acerca dos conventos espoliados, guiando-nos pelos proprios mapas officiaes.

Dizia o «Democrata», referindo-se ao mappa que fóra publicado no «Diario do governo»:

«Apresenta o tal mappa duzentas e sessenta e uma chaves de prata; foram extintas oitocentas egrejas em Portugal, cada uma d'estas egrejas tinha um sacario de encerrar o Santissimo Sacramento, e tinha mais outro sacario particular, que servia na Semana Santa; cada um d'estes sacarios era aberto com uma chave de prata; algumas casas religiosas tinham tres, quatro e mais chaves d'esses sacarios, outras duas, e nenhuma deixava de ter uma; contados pois todos os conventos, e casas religiosas existentes, a duas chaves cada uma, dá por boa conta, mil e seiscentas chaves de prata: o mappa apresenta duzentas e sessenta e uma: logo existem roubadas mil trezentas e trinta e nove chaves de prata: esta conta não falha; e responsabilisamos a prova-a com os Egressos ainda vivos; o chão não comeu estas chaves, logo foram roubadas, logo o governo dos cartistas foi um Governo de Ladrões; porque se não lançou as unhas sobre estas chaves, consentiu que os seus empregados as roubassem; e como tanto pecca o ladrão, como o consentidor, parece-nos que estamos auctorizados a chamar-lhe Ladrões per omnia secula seculorum».

A phrase é dura, mas o facto sobre que recabe é muito mais duro ainda!

Continúa o mesmo jornal:

«Dá o mappa duzentas e noventa e tres custodias.—Ora que se tinham roubado os bens dos frades, isso sabiamos nós; porque lhes não víamos o fructo, mas que o roubo fosse tão descarado, isso não esperavamos vel-o depois de sete annos do roubo perpetrado!!! Oitocentos conventos extintos tinham pelo menos uma custodia cada um, alguns havia que tinham duas tres e quatro; mas deixemos esse numero maior, e tomemos o menor; deviam existir oitocentas custodias, o mappa dá duzentas e noventa e tres; logo temos roubadas quinhentas e sete custodias, e é natural, que não escolhessem das menos pesadas e ricas; porque isto de Ladrões, que roubam a são e salvo, tem tempo para escolher o melhor: então senhores cartistas, que é feito d'estas quinhentas e sete custodias? Temos cada tres conventos a servirem-se com uma custodia? E não se envergonham, não se pejam de apresentar á face da Nação o corpo de delicto do seu sacrilego roubo, e de demonstrar a origem, que tiveram as suas fortunas collossaes como encanto? Vamos adiante.»

«Ah! santas imagens do culto religioso! Vós estaes pedindo vingança contra os Ladrões, que vos despojaram dos enfeites, com que vos tinha adornado a pia devoção dos crentes portuguezes!!! Vinte e tres cordões de ouro!!! Ah infame réctua de ladrões!!! Vinte e tres cordões tinha qualquer imagem com quem os fieis tinham fé e devoção!!! A Senhora da Piedade do Convento da Vidigueira tinha cinco, a Senhora da Expectação em Villa Nova de Portimão tinha dois; a Senhora da Gloria, de Lagos tinha dois; a Senhora da Piedade de Villa Viçosa tinha um; eis aqui temos dez em quatro imagens; e quantos haveria em mais de vinte mil imagens de devoção, que tinham os conventos? Ah Ladrões!!! Eis aqui o motivo, porque os Egressos andam a pedir esmola, e os cartistas, que chegaram a Portugal de chinelo no pé, andam vergando com o pezo das cadeias de ouro!!!»

«Venha cá a verba dos calices, que é

curiosa—mimosea-nos o mappa com dois mil setecentos e trinta e tres calices.—Nenhum convento, o mais pobre de Portugal, deixava de ter tres calices, que era um para cada altar, o ordinario era cada convento ter seis; alguns até dez, e muitos doze, quinze, e até vinte; por tanto contaremos os oitocentos conventos supprimidos (termo medio muito baixo) a seis calices cada um, e dar-nos-ha a conta de quatro mil e oitocentos calices; o mappa dá a somma de dois mil setecentos trinta e tres; temos por conseguinte dois mil sessenta e sete calices roubados!!! Estes roubos não padecem duvida; nem os cartistas se podem chamar á ignorancia do que existia; porque elles sabiam de mais o que havia; por conseguinte deviam perguntar pela falta a quem quer que estivesse incumbido de apresentar esses objectos».

«A vista d'esta demonstração é que nós dizemos no principio d'este artigo, que o «Diario do Governo» acabava de offerecer á Nação o corpo de delicto do roubo sacrilego, que os cartistas commetteram nas egrejas dos conventos extintos; nem uma só verba do mappa deixará de passar pela operação das cifras; e desde já convidamos o governo a apresentar-nos tambem o mappa demonstrativo dos gados e das herdades dos Frades, das bestas muars que elles possuíam, dos cobres dos conventos, que importam em milhões de cruzados, e dos paineis, e mais preciosidades, que elles possuíam que valiam mais que ouro e prata».

Não podemos acompanhar o referido jornal no desabrimento de suas expressões, mas do coração o acompanhamos na sua justa indignação.

Dizia elle ainda:

«Egressos, homens desgraçados, barbaramente roubados, vós que vivestes no claustro, que sabeis maravilhosamente a riqueza que possuicis; reparaí para o mappa, e estremecei á vista de roubos tão escandalosos, e reparaí tambem, que são os larprios dos vossos bens, os assassinos de vossa existencia, aquellos que vos chamam hoje, para que vades á urna elegel-os para representantes do esqueleto, a quem rapinaram a carne; lá haveis ir á urna, e votamos, em que nem um só Egresso votará em homens, a quem por demonstração mathematica se prova, que sacrilegamente vos roubaram, e que formaram fortunas collossaes á custa da vossa existencia; porque para apparecerem carregados do ouro, prata, joias, alfaias, e moveis, foi necessario, que vós ficasseis reduzidos a pedir esmola e a morrer desgraçadamente pelos hospitaes».

«O roubo é tão descarado, que além de poder ser demonstrado com cifras, opóde tambem ser pelo raciocinio; e ahi apresentamos o que se segue. Accusa o mappa dois mil setecentos e vinte e tres calices, e accusa sómente mil e trezentas e oitenta e tres patenas; ora todo o mundo sabe, que o calice não pôde servir sem patena; e que até será muito difficilissimo encontrar um sem patena, nem os frades os tinham; porque ou compravam patenas se lhes faltassem, ou se deslaziavam dos calices, porque lhes não serviam; tambem é certo, que o mappa nos dá mil trezentos e quarenta calices sem patenas... Ladrões porcos, que tão cegamente roubaram?!

«Porém, nós descobrimos este roubo. Os que lançaram as unhas aos vasos sagrados tiveram ainda seus remorsos de roubarem os calices, e por isso apparecem mais patenas roubadas do que calices, e mesmo porque as patenas, que tem a configuração de pratos, podiam muito bem servir com uma pequena mão de obra, de baixella de prata a qualquer cartista, e tanto prova, que todos os calices tinham patena, que na casa dos calices extraviados ha 21, e na casa das patenas, ha tambem 21 patena extraviada, de sorte que os extraviados todos foram perfeitos; e nos que ficaram é que faltam mil e tantas patenas, que são mil e tantos pratos de prata: quem sabe se algum cartista dos gordos comerá n'elles á meza em dia de convite a alguns inglezes?!!! Volveremos ao mappa».

E volvendo a elle acrescentava o mesmo «Democrata» no seu n.º 128:

«Todos entravam nas egrejas dos conventos, sabem, porque o viram, que em quasi todas as egrejas havia uma caldeirinha d'agua benta de prata que servia nas funcções solemnes; porém os cartistas assentaram, que n'este genero deviam roubar tudo, e por isso em todo o mappa não se encontra uma só verba de caldeirinhas! —Pobres egrejas dos Conventos todos de Portugal, que não tinham uma caldeirinha de prata!!! Ora a fallar a verdade não se pôde descobrir uma corja de ladrões mais descarados! Tem a confiança de apresentar um mappa, no qual não dão aos Conventos todos de Portugal uma caldeirinha de prata!!!»

«Provam por tanto o roubo n'esta verba, que não sendo possível encontral-a no mappa, se encontra todavia uma verba de hysopes, que nos dá 25; por tanto aqui temos já vinte e cinco caldeirinhas de prata roubadas; porque 25 hysopes correspondem a 25 caldeirinhas; porém não eram vinte e cinco, eram as que nós vamos demonstrar».

«Nem todos os Conventos tinham estes trastes; porém muitissimos tinham mais de uma; contando pois um Convento com elle, e outro sem elle dá a conta de quatrocentos hysopes, e quatrocentas caldeirinhas de agua benta roubadas; por muito leves que fossem estes trastes não podiam ter menos de um arratel, e por isso temos quatrocentos arrateis de prata, que são doze arrobas e meia de prata roubada só n'este genero».

E', na verdade, da gente ficar a morrer d'amores por esta chamada liberdade, que produz d'estes beneficios!!!!!!

Tanto dinheiro extorquido aos frades em nome da causa publica, e ao mesmo tempo o pobre povo cada vez mais esfolado com tributos!!!

Em que coisas de utilidade geral empregaram os enormes valores dos conventos, e do seu riquissimo espolio?

Que divida publica pagaram, ou sequer diminuíram?

Que estradas fizeram?

Que canaes abriram?

Em que aliviaram o povo pela espoliação dos frades?

E ainda depois de lhes tirarem tudo os injuriar e calumniar!!!!!!

Sepultura ecclesiastica.— Em data de 22 d'agosto escrevem a um jornal francez:— «Ha oito mezes, morreu aqui em Florença um deputado das provincias meridionaes, cujo nome poupo por justos respeitoes. Era franc-maçon d'alto grau, e seria inutil dizer que os amigos não lhe procuraram os ultimos Sacramentos, e não lhe podia o cura da freguezia dos Santos Apostolos negar a sepultura ecclesiastica. Deus porém lh'a negou! Foi levado para a Igreja com grande acompanhamento de deputados. Deviam vir depois para levar o cadaver d'ahie enterral-o: mas ninguem se apresentou n'aquella tarde, nem nas seguintes. Quem pagaria o enterro? O municipio de Florença com a presidencia da camara mandou um delegado á sua familia muito nobre, para ter uma explicação: mas a mulher o despediu com esta resposta:— Meu marido vivia com outra mulher, a quem elle mesmo enriqueceu. Porque não paga ella o enterro? O delegado então dirigiu-se ao advogado dos orphãos, que seccamente lhe respondeu:— Este homem deixou-me bastantes enredos com a desordem do seu patrimonio: alirem o seu cadaver ao Arno, e nunca mais me fallem n'elle. Fazem oito mezes, intendei-o bem, oito mezes, que os restos mortaes d'este ex-veneravel em mortalha preta jaz perto da sacristia da dita freguezia, esperando que se não a piedade dos homens, ao menos uma medida sanitaria se ocupe de lhe dar sepultura».

Por commentario d'este facto acrescentamos outro, para mostrar que não é a primeira vez que taes felicidades acontecem. Em 14 de fevereiro de 1832 o jesuita Delveaux no altar mór da Igreja dos Franciscanos de Pombal celebrava missa em suffragio de um finado, que jazia a pouca distancia em uma sepultura rasa, coberta com um panno preto. Era do grande marquez, de cujas reformas anti-catholicas data a decadencia espantosa de Portugal; e não tinha um tumulo condigno de si desde 5 de maio de 1782! E porque? No tempo do seu poderio illimitado, o marquez de Ponte de Lima, uma de suas victimas, havia morrido n'uma das prisões do Estado em uma fortaleza perto da embocadura do Douro. O seu primogenito, que depois lhe succedeu no titulo, reclamou ao ministro o corpo de seu pae, para o fazer inhumar no tumulo da familia; mas o marquez de Pombal recusou este filial pedido, dizendo que aquelle que morria no desgosto real, não merecia uma tal honra. Pela queda de Pombal, succedeu-lhe no ministerio o proprio marquez de Ponte de Lima. Cinco annos depois o marquez, expirando no exilio dispoz que seu corpo fosse inhumado no tumulo de sua familia em Oeyras; mas o primogenito do marquez de Ponte de Lima deu o mesmo despacho, que em igual conjunctura havia recebido.

A negação de sepultura é um dos tantos castigos, com que Deus pune ás vezes os seus inimigos. Pelo propheta Jeremias. Elle denunciou a Joaquim rei perverso de Judá, que a sua sepultura seria como a do burro, e seria lançado fóra das portas de Jerusalém (Jerem. XXII), como aconteceu: e por isso a Igreja recusa-se a sepultar em logar sagrado os que na hora da morte não querem congraçar-se com o Senhor.

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes: Em Lisboa, o exm.º sr. J. A. no escriptorio do jornal a Nação, na rua do Bem Formoso. Em Cimbrã, o exm.º sr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares. No Porto, o ill.º sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

EXPEDIENTE

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes: Em Lisboa, o exm.º sr. J. A. no escriptorio do jornal a Nação, na rua do Bem Formoso. Em Cimbrã, o exm.º sr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares. No Porto, o ill.º sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Na Covilhã, o illm.º sr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Vianna, o illm.º sr. Luiz Francisco Pereira, rua da Pico-ta.

Em Lamego, o illm. sr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio ao administrador d'este jornal o sr. Joaquim José Vieira da Rocha, rua do Souto n.º 44.

AGRADECIMENTOS

Joaquina d'Assumpção Ferreira d'Azevedo e Castro, José Maria Ferreira d'Azevedo e Castro e Manoel Ferreira d'Azevedo e Castro, agradeceem, por este meio por não o poderem fazer pessoalmente, a todos os ill.ºs e exc.ºs e revd.ºs srs. que se dignaram honrar com sua presença os officios funebres que no dia 4 do corrente mez tiveram logar na egreja do Hospital desta cidade por fallecimento de sua muito presada irmã Thereza de Jesus Ferreira d'Azevedo e Castro, protestando a todos o seu eterno reconhecimento.

ANNUNCIOS

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE BRAGA

Por ordem do illm.º sr. Presidente da Assembleia Geral, são convidados todos os srs. socios da Associação Commercial de Braga, a comparecerem na casa da referida Associação, quinta feira 13 do corrente, pelas 4 horas da tarde.

O 1.º secretario Clemente José Fernandes.

CAIXEIRO

Precisa-se de um para loja de merceria. Quem se achar nas circumstancias falle na administração d'este jornal, rua do Souto.

Discurso pronunciado no Congresso Catholico na cidade da Virgem por Alfredo de Barros Pinto Ozorio, estudante do 3.º anno juridico na Universidade de Coimbra.

Vende-se nas livrarias Catholicas do Porto e Braga por 100 reis.



COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR DO PACIFICO

Paquetes a sahir de Lisboa em direitura ao Rio de Janeiro.

LUSYTANIA a 4 de Junho—CUZCO a 19 de Junho—MAGELAN a 5 de Julho. Para tratar na rua da Boa Vista n.º 4 em Braga. (71)

AGUAS ALCALINO-GAZOSAS

DAS PEDRAS SALGADAS (Villa Pouca d'Aguiar)

Estas aguas que os homens entendidos tem considerado como das principaes, não só do paiz como da Europa, juizo, que a composição chimica fazia prevêr, e que os seus effectos therapeuticos em diferentes molestias, mas com especialidade nas de estomago, pelle, bexiga, inflamações chronicas d'olhos e ulceras chronicas, acham-se á venda em garrafas azues de 300 grammas com o nome da empresa e das aguas em relevo, com rotulos indicativos da sua proveniencia, modo d'administração, etc.; laceradas ou com capsulas, no melhor estado de pureza e conservação nos depositos da empresa: Braga Pharmacia—Alvim, Porta Nova. Guimarães » » Lima, Sr.º A Branca. » » Martius.

E em todas as terras principaes do reino. (62)

Procurações

Vendem-se na Livraria Catholica

O MARTYR DA GOLGOTHA TRADIÇÕES DO ORIENTE

por Henrique Peres Eserich TRADUZIDA por Antonio Moreira Bello. Preço 1\$200

Esta obra é a mais bella e esplendida da litteratura christã até hoje publicada, e elogiada por toda a imprensa do paiz. Vende-se em todas as livrarias. A Livraria Catholica Portuense, editora d'esta obra, praça de D. Pedro n.º 131 Porto, incumbe-se de satisfazer com promptidão qualquer pedido que lhe façam os senhores livreiros das provincias.

A EUROPA EM 1848, OU CONSIDERAÇÕES

SOBRE A ORGANISAÇÃO DO TRABALHO O COMMUNISMO E CHRISTIANISMO

PELO P. Gaume Vigario Geral da Diocese de Nevers, Cavalleiro da Ordem de S. Silvestre, etc, etc.

TRADUÇÃO DE M. de C. Com — duas palavras de prologo — pelo P. M. J. Pereira.

Acha-se á venda, esta obra, em casa do Editor, Largo de S. Francisco n.º 6, na Livraria Catholica, na de Germano Joaquim Barreto, Rua do Souto, e na de E. Chardron, Largo de S. Francisco, Braga. Preço 200 rs.

Congresso Catholico na cidade do Porto

Discursos ali pronunciados pelos snrs: Padre Cruz. 60 reis Mesquita Pimentel. 60 » Visconde d'Azevedo. 100 » Prior de Salreu. 100 » Todos juntos por. 250 » Vendem-se em Braga na Livraria Catholica, rua do Souto n.º 39.

OBRA MORAL E RELIGIOSA

Philosophia da internacional, por A. Delaporte, versão portugueza por M. J. de Mesquita Pimentel. Preço por assignatura 200 rs. Vende-se na Livraria Catholica n'esta cidade e no Porto na Livraria do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua d'Almada.

VOZES PROPHETICAS ou apparições e predições, tiradas principalmente dos Annaes da Igreja, a respeito dos grandes acontecimentos do seculo XIX e do proximo fim dos tempos; pelo padre M. Ourique. Vertidas da lingua franceza por M. F. M. e Souza. Vendem-se por 250 na Livraria Catholica e na livraria de E. Chardron.

Vida do Nosso SS. Padre Pio IX

por M. VENET. VERSÃO POR M. F. M. e Souza. Vende-se por 6º reis, na Livraria Catholica, rua do Souto, e na livraria de E. Chardron.

AÇAFATE EUCHARISTICO

OU O MEZ DE JUNHO CONSAGRADO AO AUGUSTO MYSTERIO DO ALTAR PELO Padre José Maria Vieira da Rocha Preço 240 reis.

EDITOR M. J. V. da Rocha.

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1872